



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**APROPRIAÇÕES DO COTIDIANO DE OEIRAS-PIAUI NAS  
CORRESPONDÊNCIAS DE POSSIDÔNIO QUEIROZ NAS DÉCADAS  
DE 1980/1990**

Audrey Maria Mendes de Freitas Tapety\*

Esta comunicação captura as ideias do proeminente historiador Possidônio Queiroz nascido em Oeiras Piauí. Discute sobretudo, a produção historiográfica dele, tendo como suporte os discursos que tratam sobre o cotidiano da cidade, no período compreendido entre 1980 e 1990, registrados em cartas trocadas entre ele e intelectuais piauienses/brasileiros; artigos, ensaios e crônicas publicados em diversos meios de comunicação editados em Oeiras e fora dela. Possidônio pode ser caracterizado como “agitador cultural”<sup>1</sup> uma vez que, ao realizar a pesquisa que dá suporte à narração desta comunicação, vamos encontra-lo liderando atividades culturais desenvolvidas em Oeiras.

Apontarei nos escritos selecionados que fundamentam a construção desta narrativa alguns sentidos e significados assumidos por Possidônio Queiroz no que se refere à produção historiográfica e intelectual. Assim, localizamos Possidônio Queiroz<sup>2</sup>, em um “pequeno mundo estreito,”<sup>3</sup> daqueles considerados intelectuais, cuja produção

\* Doutoranda em História Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bolsista da CAPES.

<sup>1</sup> Cf. SIRINELE, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, René. **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

<sup>2</sup> Possidônio Queiroz nasceu na cidade de Oeiras dia 15 de maio de 1906.

<sup>3</sup> MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: **O historiador e suas fontes**. Carla Bassanezi Pinsky e Tânia Regina de Luca(Orgs.). São Paulo: Contexto, 2013. p. 209.

mais significativa volta-se para a história do Piauí, tendo como foco central a cidade de Oeiras, tida por ele como o berço da organização social e política do território piauiense.

Em princípio, daremos ênfase aos documentos pessoais, em especial as missivas destinadas a intelectuais da sociedade piauiense /brasileira. Estas se configuram, parte integrante e majoritária do arquivo pessoal de Queiroz, o qual se encontra sob a tutela de Rodrigo Queiroz, neto de Possidônio, que reside na cidade de Oeiras – primeira capital do Piauí localizada a 320 km de Teresina.

As missivas tais como outras práticas da escrita autorreferencial, constituem simultaneamente o sujeito e seu texto. Ela implica uma interlocução sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê, além de possibilitar o autoconhecimento, a catarse e a comunicação consigo mesmo.

As correspondências trocadas entre Possidônio e seus interlocutores, para além de constituírem um espaço de sociabilidade, permitem a formação de uma rede de contatos entre diversos intelectuais da sociedade brasileira, constituem também um campo fecundo, revelador da dinâmica cultural e da cotidianidade da sociedade oeirense/piauiense.

O perfil intelectual de Possidônio Queiroz demarcava algumas especificidades do mundo da intelectualidade brasileira. Um sujeito engajado e preocupado com a vida política cultural da cidade onde viveu a maior parte de sua existência. Suas atitudes lhe consagram como um sujeito do conhecimento<sup>4</sup> que o fez merecer o reconhecimento dos pares e de parcela da comunidade oeirense. Dividia boa parte do seu tempo entre as atividades de trabalho exercidas como secretário da prefeitura municipal de Oeiras e o prazer da escrita no qual extravasava seus sentimentos e desejos. O lazer era os momentos de introspecção quando se isolava em seu gabinete, nas horas livres, para escrever cartas aos amigos, familiares e intelectuais da sociedade piauiense. Redigia também discursos em homenagem a figuras ilustres da sociedade, partituras de músicas, crônicas, artigos para Revista do Instituto Histórico de Oeiras e para o jornal O Cometa.

Dentre os documentos pessoais de Possidônio destinamos nossa atenção às missivas trocadas entre intelectuais piauienses. Mapeamos mais de 800 cartas enviadas por ele, assim como fotocópias de correspondências recebidas as quais eram classificadas

<sup>4</sup> Cf. ANDRADE, Érico. **O sujeito do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

e arquivadas cuidadosamente, a exemplaridade de Luis Carlos Prestes, Anita Leocádia, A.Tito Filho, Francelino Araújo, Bugyja Brito, Miridan Falci, dentre outros.

As cartas possidonianas registravam em grande medida suas lembranças, sentimentos, costumes e comportamentos dos co-urbenses. Sinalizavam narrativamente assuntos de origem diversificadas como político, religiosidade, jurídicos e sobremaneira o cotidiano da Velhacap. Nelas se expressavam a vida privada e “[...] apresentavam uma imagem de si controladoras da espontaneidade e da revelação da intimidade.”<sup>5</sup> O ato de escrever cartas a familiares, amigos ou colegas de profissão reuniu os indivíduos ansiosos por receber notícias dizíveis e apenas fazer supor as indizíveis.<sup>6</sup> Tomo com referência os textos de Teresa Malatian quando esta argumenta que

“[...] as cartas expressam dimensões culturais do sujeito, que poderiam ser chamadas de momento biográfico....pois é a configuração do momento biográfico que rege o contar da vida por meio da junção de experiências referidas a tempos e contextos sempre heterogêneos . O que o escritor de cartas parece querer dizer a todo momento , ao apresentar uma “pose” de si mesmo , é simplesmente estou aqui. Pose continuamente refeita em formas efêmera e transitórias nas quais a experiência cotidiana, sempre inacabada, aberta ao inesperado, está presente.”<sup>7</sup>

Nesse sentido, devo destacar nas missivas pesquisadas a preocupação do autor em construir consciente ou inconscientemente uma imagem relacionada aos atributos intelectuais a ele conferidos cujo engajamento nas atividades cotidianas de sua cidade refletiam a preocupação com processo de modernidade<sup>8</sup> e progresso da cidade.

As apropriações do cotidiano por Queiroz expressada em seus textos fornecem “os meios de reconhecimento do efêmero, da ocasião aproveitada ou perdida, desse fazer que não capitaliza seus efeitos em um lugar definido, breve, de como se praticam

<sup>5</sup> MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: **O historiador e suas fontes**. Carla Bassanezi Pinsky e Tânia Regina de Luca(Orgs.). São Paulo: Contexto, 2013. p. 197.

<sup>6</sup> MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: **O historiador e suas fontes**. Carla Bassanezi Pinsky e Tânia Regina de Luca(Orgs.). São Paulo: Contexto, 2013. p. 197.

<sup>7</sup> MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: **O historiador e suas fontes**. Carla Bassanezi Pinsky e Tânia Regina de Luca(Orgs.). São Paulo: Contexto, 2013. p. 197.

<sup>8</sup> Cf. BERMAN, Marshal **Tudo que é sólido desmancha no ar**: Trad. Carlos Felipe Moisés/ Ana Narua I. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

comumente , isto é, no dia a dia, de maneira indefinidamente recorrente e nunca idêntico.”<sup>9</sup>

As ações do personagem em cena faziam com que a dinâmica da vida de todo dia de sua terra natal saísse da efemeridade, certas vezes pela maneira como encarava os desafios apresentados a ele sempre se reinventando como cidadão envolvido com a produção do conhecimento , seja no campo didático pedagógico ou sócio –político . , consumia os espaços e temporalidades de modo a fazer persistir os desejos de mudança na velhacap.”<sup>10</sup>

Possidônio elegia formas de se (re)novar no seu dia a dia nos fazeres comuns do cotidiano, me refiro, dentre outras, a campanha de implantação do ensino ginásial em Oeiras. Como professor ministrante das disciplinas Gramática e Literatura sempre desejou promover a criação do ginásio de Oeiras.

A carta datada de 18 de agosto de 1988 é esclarecedora no sentido de evidenciar a má vontade dos administradores em cumprir esse dever cívico. Registra também seu empenho na conquista do ensino ginásial em sua terra natal. Por esta época os oeirenses só dispunham do primeiro nível de ensino, ou seja, o primário. Nessa empreitada ele contou com poucos adeptos, menciona na referida carta que seu professor, o Desembargador Pedro Sá, combateu com todas as forças a ideia da criação de um ginásio em Oeiras.

O sonho do ensino ginásial remonta à ditadura varguista. Ainda na gestão do então prefeito de cidade, o Cel. Orlando Carvalho. Nesse período foi realizado uma reunião na casa do Sr. Mario Freitas na qual foi constituída uma comissão para parlamentar com o Prefeito sobre os benefícios da implantação desse nível de ensino. A Diretoria dos Municípios disponibilizou recursos financeiros para a construção do edifício no qual deveria funcionar o ginásio, todavia com a queda de Getúlio Vargas, o projeto não foi executado. Durante o período de transição para o regime democrático o movimento visando a implantação do ginásio em Oeiras arrefeceu, sendo retomando algum tempo depois.

<sup>9</sup> CHARTIER, Anne-Marie e HEBRARD, Jean. A invenção do cotidiano: uma leitura, usos. Trad. Mariza Romero. **Projeto História**, São Paulo, (17), nov. 1998. p. 31.

<sup>10</sup> CHARTIER, Anne-Marie e HEBRARD, Jean. A invenção do cotidiano: uma leitura, usos. Trad. Mariza Romero. **Projeto História**, São Paulo, (17), nov. 1998. p. 31.

No final da década de 1940, mais precisamente no mês de janeiro, juntou-se a causa o Sr. Cônego Cardoso, um entusiasta da ideia. Cedeu a Possidônio, uma amplificadora a fim de auxiliar na socialização da campanha, a qual foi usada aos domingos em praça pública objetivando consolidar a proposta. Em janeiro de 1949 chegou a Velhacap o Revmo. Sr. D. Francisco Expedito Lopes - primeiro bispo da diocese de Oeiras - sua presença motivou a causa em prol da criação do ginásio. De fevereiro a março deste mesmo ano as negociações não foram fecundas.

Possidônio por esta época ocupava o cargo de secretário da Câmara Municipal e, em razão disso, assistiu a todas as sessões e nelas não se mencionava sobre o assunto do ginásio, fato que o motivou a elaborar um memorial que foi apresentado ao legislativo municipal. Mais uma vez se envolveu nessa luta pessoas que pertencia ao seu grupo de sociabilidade a exemplo de Dr. Raimundo Costa Machado, a professora Eva Feitosa e o Conego Cardoso dotados da mesma sensibilidade, partilharam da campanha pró-Oeiras, mesmo temerosos de alguma represália, pois alguns deles eram funcionários da Prefeitura Municipal.

Após a escrita do memorial Possidônio saiu as ruas a fim de angariar assinaturas que legitimasse o documento. Conseguiu vinte e oito assinantes dentre as quais, 10 eram de professores, do presidente do Rotary Clube, da União Artística Operária, da autoridade fiscal do estado, de comerciantes, dentre outros. O documento só seria protocolado no dia 04 de abril de 1949, devido a oposição manifestada no Poder Legislativo Municipal. Possidônio encerra a carta informando que sua luta não teria sido em vão, pois naquele ano o tão almejado ginásio nasceria para a comunidade oeirense suscitando grandes benefícios.

Relevante neste contexto é a observação de Agnes Heller ao anotar que

[...] as grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica concreta tornar-se particular e histórica precisamente graças ao seu posterior efeito na cotidianidade. O que assimila a cotidianidade de sua época assimila também, com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação possa não ser consciente, mas apenas 'em - si'.<sup>11</sup>

A criação do ginásio de Oeiras narrada por Queiroz nos leva a compreensão de que a atuação dele no intento de contribuir com o progresso da primeira capital do Piauí

<sup>11</sup> HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 4. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p.20.

tornou-se uma ação cujos desdobramentos para a sociedade em que vivia ganharam contornos imensuráveis em virtude das mudanças provocadas no dia a dia de uma parcela dos habitantes da cidade. Anteriormente a este acontecimento os filhos de Oeiras em idade escolar- ginásio- necessitavam se deslocar para outras cidades piauienses /brasileiras. Do mesmo modo interferiu na cotidianidade da cidade no que concerne à absorção de profissionais do Direito, da Medicina que passaram a integrar o quadro docente do ginásio a exemplo do subscritor da missiva.

Possidônio ao narrar sobre a implantação do ginásio de Oeiras toma como pressuposto suas experiências enquanto professor que preparava alunos, em sua casa, para exame de admissão ao ginásio. Cumpre registrar que tal exame constituía-se parte da formação educacional da sociedade brasileira. Possuía o que hoje podemos nomear de curso preparatório. Orientava leituras e estimulava os alunos a produzirem textos adequando-os à norma culta. Com efeito, a batalha para a conquista do ginásio em Oeiras decorre destas vivências e percepções. Sua atitude, nesse sentido, corresponde ao pragmatismo inerente à vida cotidiana. “Dado que o pensamento cotidiano é pragmático, cada uma de nossas atividades cotidianas faz-se acompanhar por uma certa fé ou uma certa confiança.”<sup>12</sup> Possidônio investido de ambos sentimentos não cessou sua jornada enquanto não alcançou êxito em seus propósitos. Obstinado manteve-se crédulo e soube como poucos capitanear as transformações no campo educacional oeirense.

As informações contidas nas missivas escritas por Possidônio são de grande utilidade para a compreensão da dinâmica do dia a dia de sua terra natal. É importante sublinhar que elas trazem um intenso sentimento de identidade com a cidade e também dizem respeito às experiências individuais e coletivas. Entre seus documentos deixou cartas que testemunharam a respeito por exemplo, da instalação do Banco do Brasil e sobre as resistências dos “homens de dinheiro,” filhos da “invicta” Oeiras, à implantação da primeira agência bancária na cidade. Possidônio relata que os tais homens de dinheiro da cidade zelavam “egoisticamente interesses próprios”.

Este fato foi noticiado na epistola endereçada ao amigo e confrade Bugyja Brito no dia 07 de agosto de 1988.

A propósito vou lhe narrar outro fato ligado à criação do B.B. aqui. Ao tempo em que o Dr. Laurentino Pereira Neto foi prefeito municipal de nossa terra, fez-se um esforço no sentido de obtenção de uma agencia

<sup>12</sup> HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 4. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p.20.

do mais importante, do pai dos bancos brasileiros para a ex-metrópole do estado. Veio a terra de Costa Alvarenga, um representante categorizado de entidade reptícia criada em 1808 por D. João VI, Sr. Ruiten Martins, parlamentar com os donos da terra e estudar as possibilidades de criação de uma agencia aqui. Marcou-se uma audiência dos comerciantes e chefes, inclusive com Ruiten Martins, a realizar-se na prefeitura, a noite, em determinado dia. Sucede que o Dr. Laurentino teve necessidade de ausentar-se da cidade. Encarregou-me de representa-lo e tratar do assunto. Convidei todo mundo. Ao dia e hora apazados, compareceu apenas o Sr. Miguel Oliveira, exportador, ex-prefeito de Oeiras, ex-presidente da A. de Comércio, Indústria e Agriculturaeirensense, ex-deputado estadual, e mais ninguém. Esperamos mais de uma hora e ninguém apareceu. O Ruiten saiu decepcionado.<sup>13</sup>

Pode-se supor que a ausência do prefeito tenha desestimulado o não comparecimento dos agentes econômicos de Oeiras, fato corriqueiro no sertão brasileiro, onde o chefe precisa estar presente nos principais acontecimentos da cidade para liderar “a tropa”.

Em outro trecho da mesma carta Queiroz registra ter encontrado com Ruiten Martins em Teresina e este manifestou o seu desapontamento com os “homens de negócio” de Oeiras “[...] na sua terra não se quer o B. do Brasil. Já apresentei relatório narrando o ocorrido”. Neste fragmento do texto epistolar transparece que o missivista, para além dos contratempos que surgiram durante o processo de implantação do Banco do Brasil em Oeiras, deseja mostrar-se como um sujeito engajado nas grandes causas de sua urbe, preocupado com o moderno padrão de vida das pessoas de Oeiras. Sua postura nos remete a análise de elementos da estrutura da vida cotidiana, nesse caso, a entonação,<sup>14</sup> aspecto que ganha uma grande importância na vida cotidiana, na configuração de nosso tipo de atividade e de pensamento. “O aparecimento de um indivíduo em um dado meio “da o tom” do sujeito em questão, produz uma atmosfera tonal específica em torno dele e que continua depois a envolve-lo”

A atmosfera tonal que pode classificar este personagem parecer estar associada ao de um intelectual com perfil de mediador cultural sempre atento as especificidades que levariam Oeiras ao desenvolvimento necessário a gerar o bem-estar comum. No período da escrita da carta em Oeiras só existia o Banco do Nordeste, precisava portanto de outras

<sup>13</sup> QUEIROZ, Possidônio. Carta endereçada a Bugyja Brito. Oeiras, 7 de agosto de 1988.

<sup>14</sup> HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 4. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p.36.

agências creditícias para implementar a economia da cidade que já contava com atividade comercial próspera e de outras atividades que necessitavam de transações bancárias.

Outra variável da cotidianidade de Oeiras está associada ao comportamento e costumes dos cidadãos associados, particularmente, a fé cristã. A religião católica constitui eixo importante da correspondência possidoniana. A exemplo das novenas de Nossa Senhora da Vitória – padroeira da cidade- ocorridas durante o mês de agosto. A festa da padroeira figura como tradição da sociedade oeirense e remonta a fundação da freguesia que levou o nome da Santa ainda nos idos dos setecentos. Queiroz relata na missiva acima destacada acerca da solenidade comemorativa dos 250 anos da Igreja da Matriz, hoje catedral de nossa senhora da vitória, quando foi convidado a redigir e proferir discurso em data alusiva a venerada santa. Afirma:

[...] começaram ontem, 06 de agosto, as novenas da festa da padroeira da Velhacap - Nossa Senhora da Vitória. É uma festa religiosa muito concorrida. A nossa padroeira, desde os idos de 1967, sob os cuidados apostólicos de nosso primeiro vigário, o Revmo. Pe. Tomé de Carvalho e Silva, que é reverenciada solenemente em nossa terra. No tempo do padre José Dias de Freitas, soube que as festividades eram feitas à custa da paróquia e que no dia consagrado a padroeira, a banda de músicos passava o mesmo dia em casa do vigário, tomava parte de um banquete por ele oferecido, e somente a tarde se retirava para procissão.<sup>15</sup>

Reiteradas vezes Possidônio recebia a incumbência de redigir discursos em ocasiões solenes. Os pedidos que lhe eram feitos não estavam relacionados tão-somente a função exercida no Instituto Histórico de Oeiras como orador oficial, mas, sobretudo a sua competência, eu diria, vocação para a escrita, virtude que o consagrava como sujeito do conhecimento respeitado pelos mais ilustres homens de letras do Piauí.

Certa feita foi convocado, a sua revelia, para escrever discurso em homenagem a Luís Carlo Prestes quando este visitou a primeira capital no ano de 1985. Arimateia Tito Filho, o então presidente da Academia Piauiense de Letras por meio da imprensa escrita fez o convite a Possidônio, tendo o mesmo tido acesso a notícia do referido petítório dias depois por meio de carta.

Aceitar as solicitações constituíam-se prática recorrente na vida do missivista, afinal era através de seus textos que ele encontrava formas para viabilizar o processo de construção do eu, e, por conseguinte da lapidação de uma subjetividade e uma identidade

<sup>15</sup> QUEIROZ, Possidônio. Carta endereçada a Bugyja Brito. Oeiras, 7 de agosto de 1988.



de homem culto que, apesar de não ter tido formação acadêmica, é lembrado em sua terra berço pela erudição e disciplina as quais pontuaram sua trajetória intelectual. Possidônio lia de tudo. Amiúde encontramos entre as cartas classificadas, em folhas avulsas, pequenos trechos, fragmentos e citações das leituras realizadas, assim como cópia de páginas das gramáticas contendo esclarecimentos léxico e semântico que o ajudava a escrever com esmero e a forjar o perfil de sujeito do conhecimento. Na carta em foco, fica evidente esta prática quando o autor registra

[...] no encerramento as solenidades comemorativas dos 250 anos de nossa veneranda Igreja Matriz hoje catedral de N. Senhora da Vitória, coube a mim( ao tempo orador oficial do Instituto Histórico de Oeiras) coube a mim pronunciar, na sessão de encerramento, realizada no adro da velha Igreja, perante bispos, muitos padres e milhares de pessoas, inclusive autoridades federais e estaduais, pronunciar a oração gratulatória [...] Não me pude fugir a essa obrigação, pelo cargo que ocupava no momento, na Diretoria do Instituto Histórico, e porque quando uma comissão de professores me veio trazer a notícia, já o programa havia sido publicado em Teresina.<sup>16</sup>

E finaliza argumentando: “No encerramento do meu discurso levantei mais uma vez, o argumento de que N. Senhora da Vitória deveria ser declarada Padroeira do Piauí, como N. Senhora da Conceição é da Bahia e Nossa Senhora Aparecida é do Brasil”.<sup>17</sup>

A narrativa acima apresentada parece essencial para a compreensão da formação político-moral fundamental para a edificação de um autorretrato que lhe permitiu antes de mais nada revelar seu apreço pela terra mater do Piauí e sobretudo manter-se incluído numa rede de sociabilidades construída entre intelectuais piauienses. Disto decorre um aspecto crucial na vida do intelectual o fato de que o convívio entre intelectuais da mesma maneira que a prática de leituras são fundantes para o desenvolvimento de ideias e sensibilidades de um indivíduo partícipe do “pequeno mundo”. “[...]o intelectual precisa estar envolvido em um circuito de sociabilidade que, ao mesmo tempo, o situe no mundo cultural e lhe permita interpretar o mundo político e social de seu tempo.”<sup>18</sup>

Possidônio enquanto orador oficial do Instituto Histórico de Oeiras, sócio-correspondente da Academia Piauiense de Letras do Piauí e articulista do jornal O Cometa

<sup>16</sup> QUEIROZ, Possidônio. Carta endereçada a Bugyja Brito. Oeiras, 7 de agosto de 1988.

<sup>17</sup> QUEIROZ, Possidônio. Carta endereçada a Bugyja Brito. Oeiras, 7 de agosto de 1988.

<sup>18</sup> GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: Escrita de si, escrita da História. Angela de Castro Gomes (Org.). Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 51.

dentre outras atividades, agregou valores que lhe possibilitaram a inserção numa rede de contatos da qual participavam vários intelectuais da sociedade piauiense e brasileira. Conservou-se nela por muito tempo. Entretanto não desfrutou de certos privilégios com os quais foram agraciados colegas e conterrâneos. Assevera-se que mesmo atuando como sócio correspondente da APL, jamais pertenceu ao grupo dos imortais da instituição.

É importante considerar que seus textos, neste caso, as cartas, procuram registrar, não de forma exclusiva, “[...] uma escrita de si que busque cobrir um período de tempo ordinário em suas múltiplas temporalidades: a do trabalho, da casa dos sentimentos íntimos, do lazer e do cotidiano”.<sup>19</sup>(livro *Em família a correspondência*.).

O cotidiano da capital da fé e da tradição, como foi nomeada Oeiras pelo prefeito Tapety Neto, é conhecida através de textos de intelectuais que cantam essa cidade pelas atividades associadas a religiosidade popular.

A Semana Santa que rememora a perseguição de Jesus Cristo pelos imperadores romanos até seu julgamento e condenação a morte na cruz, é um dos rituais festivos digno de admiração pela população piauiense quiçá brasileira. Sua repercussão ganhou notoriedade em todo país devido a beleza dos espetáculos encenados em praça pública. Possidônio homem de formação religiosa, católico-cristã e de inolvidável veneração a Deus sempre narra em seus textos acerca da referida celebração. Na missiva enviada ao amigo Bugyja Brito enviada no dia 21 de março de 1989, faz menção a participação de ilustres piauienses nessa comemoração religiosa, como a do então governador do estado e sua esposa.

[...] estamos vivendo os dias da Semana Santa. Muitos anos atrás era Oeiras considerada a Ouro Preto do nordeste, pelo esplendor com que eram celebrados as cerimônias comemorativas da paixão e morte de Jesus Cristo. Hoje, devido ao reduzido do clero e outras dificuldades, é com saudades que os velhos se lembram da semana santa de antigamente[...] na semana que se foi, tivemos a festa do senhor Bom Jesus dos Passos. Como sabe é solenidade católica que arrasta mais gente para nossa terra. Este ano a festa contou com o prestígio da presença do Dr. Alberto Tavares Silva, eminente governador do estado e da sua esposa D. Florisa Silva. O sermão do encontro –tradicional- pregado na antiga praça da matriz, hoje praça das vitórias foi pregado pelo prof. Leopoldo Portela. Ordenou-se ele, em 1951, foi vigário da paróquia, vigário geral da diocese, monsenhor. Deixou as funções sacerdotais, há anos converteu-se ao laicato, formou-se em direito e

<sup>19</sup> Em família: correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freire. GOMES, Angela de Castro(Org.) Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

hoje é professor da Universidade Federal do Piauí. Proferiu bonita e erudita oração perante o senhor bispo, D. Edilberto Dinkelborg, os padres João de Deus (vigário), o padre José Francisco, auxiliar da paróquia, o Sr. Governador Alberto Silva e esposa, e uma multidão de mais de dez mil pessoas.<sup>20</sup>

A natureza desse evento é descrita neste mesmo documento quando o autor da carta esmiúça o cotidiano da cidade relatando que Oeiras estava vivendo dias de edificante clima religioso. Ele se referia a quinta-feira santa dia no qual a população se encaminha para a igreja de Nossa Senhora da Vitória para comungar as experiências vividas pelo rei dos judeus, a exemplo da cerimonia de lava-pés. Também faz parte de suas recordações a célebre procissão do fogaréu. Esta, por seu turno, arregimenta um número exorbitante de homens da cidade e das regiões circunvizinhas. A presença feminina é terminantemente proibida. Os homens seguem portando velas ou outros tipos de luminárias. Eles constituem o cortejo formando coluna de dois , de centena de metros a percorrerem as ruas escuras da “velhinha de cabelos branco”.

Tomo de empréstimo os textos de Michel de Trebitsch sobre as correspondências de intelectuais quando afirma

[...] a Correspondência – assim como os diários íntimos e os textos memorialistas – contribuiria para a compreensão da personalidade do autor/escritor. As cartas de intelectuais fornecem informações que podem ser utilizadas na elaboração da memória, estimulando o imaginário sobre o mundo dos autores/escritores.<sup>21</sup>

A documentação pessoal de Possidônio sobretudo as cartas, nos fornece uma noção da imagem publica do intelectual quando ressalta determinados traços de si mesmo, “[...]falas particulares e sentimentos que fazem parte da sua sociabilidade, afetos, ódios, ressentimentos, saudades etc.<sup>22</sup>

É perceptível na narrativa sobre a Semana Santa oeirense o sentimento que toma conta de boa parte da população católica da cidade oeirense revelada através das lembranças do autor, nela estão contidas uma atmosfera nostálgica na qual deixa aflorar

<sup>20</sup> QUEIROZ, Possidônio. Carta endereçada a Buggy Brito. Oeiras, 21 de março de 1989.

<sup>21</sup> TREBISCH, Michel. Avant-propos: la chapelle, le clan et le microcosme. In: Sociabilités intellectuelles: lieux, milieux, réseux. Cahiers de L' Institut D'Histoire du Temps Present(20): 11-21, mars 1992., Apud: GOMES, Angela de Castro. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: Capanema : o ministro e seu ministério. Ângela de Castro Gomes(Org.) Rio de Janeiro: FGV, 2000.

<sup>22</sup> Idem.

sua comoção e deslumbramento pelas festividades comemorativas da paixão de Cristo. Sua escrita expressa a forte credulidade cristã arraigada na população de Oeiras e consequentemente em sua formação, isso é relevante na constituição da noção de pertencimento a uma comunidade, dita, essencialmente católica temente a Deus.

A memória seja ela coletiva ou individual conferem uma presença ao passado e nos documentos pessoais de Possidônio seu valor como documento histórico é identificado por

[...] uma nova concepção de verdade própria à sociedades individualistas, sociedades que separam o espaço público do privado. mas que em todos os caso afirmaram o triunfo do individualismo como um sujeito voltado para si mesmo para sua razão e seu sentimento. Uma sociedade em cuja cultura importa aos indivíduos sobreviver na cultura dos outros, pois a vida individual tem valor e autonomia em relação ao todo”.<sup>23</sup>

Quando comungamos com a ideia de Angela de Castro Gomes precisamos sublinhar que a escrita autorreferencial assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem construindo sobre ela sua verdade.”

À guisa de conclusão pode-se afirmar que, o articulista em cena narrou sobre vários temas da história social oeirense/piauiense . Nesta comunicação enfatizamos as apropriações do cotidiano nos textos selecionados. O exercício da atividade intelectual o consagrou como personagem que possuía a capacidade de apreensão e manipulação de ideias e da realidade social. Obteve o reconhecimento dos pares por atuar como distinto homem de letras e pelo engajamento na vida sociocultural da primeira capital do Piauí-Oeiras. Homem do seu tempo que percebeu que precisava colaborar para que o patrimônio cultural de Oeiras fosse preservado. Assim, atuou como guardião da memória através da qual ia morosamente significando fatos e informando ao leitor. O seu nome está registrado na memória de uma parcela da comunidade oeirense.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Érico. **O sujeito do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

<sup>23</sup> CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do livro**. Trad. Cristina Antunes. 2. Ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2010. p. 21.

BERMAN, Marshal **Tudo que é sólido desmancha no ar**: Trad. Carlos Felipe Moisés/ Ana Narua I. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CHARTIER, Anne-Marie e HEBRARD, Jean. A invenção do cotidiano: uma leitura, usos. Trad. Mariza Romero. **Projeto História**, São Paulo, (17), nov. 1998.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do livro**. Trad. Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2010.

Em família: correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freire. GOMES, Angela de Castro(Org.) Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: Escrita de si, escrita da História. Ângela de Castro Gomes (Org.). Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 4. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p.20.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: **O historiador e suas fontes**. Carla Bassanezi Pinsky e Tânia Regina de Luca(Orgs.). São Paulo: Contexto, 2013.

QUEIROZ, Possidônio. Carta endereçada a Bugyja Brito. Oeiras, 7 de agosto de 1988.

\_\_\_\_\_. Carta endereçada a Bugyja Brito. Oeiras, 21 de março de 1989.

SIRINELE, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, René. **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

TREBISCH, Michel. Avant-propos: la chapelle, le clan et le microcosme. In: Sociabilités intellectuelles: lieux, milieux, réseaux. Cahiers de L' Institut D'Histoire du Temps Present(20): 11-21, mars 1992,. Apud: GOMES, Angela de Castro. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: **Capanema : o ministro e seu ministério**. Ângela de Castro Gomes(Org.) Rio de Janeiro: FGV, 2000.

